

DIÁSPORA AFRICANA E LOCALIDADE PERIFÉRICA: A CULTURA COMO INSTRUMENTO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA EM SÃO JOÃO DE MERITI/RJ

Veronica Azevedo Wander Bastos¹

Eliane Vieira Lacerda Almeida²

Alerrandro Bittencourt de Araújo³

Bruno Elizeu Brito⁴

Maria Cecilia Mesquita da Silva⁵

RESUMO

O presente trabalho representa os resultados preliminares da pesquisa de extensão desenvolvida em parceria entre a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e o Projeto PROMACOM - Mais Comunidade. O objetivo central deste projeto é analisar e coletar informações relacionadas à Diáspora Africana e à produção de cultura negra na periferia de São João de Meriti, no estado do Rio de Janeiro, como ferramenta de combate à discriminação da população negra. Para alcançar esse propósito, foi adotada uma abordagem metodológica que combina pesquisa bibliográfica sobre a Diáspora Africana, a cultura negra e suas manifestações na periferia, juntamente com pesquisa documental, que engloba as políticas públicas, normativas e ações culturais relacionadas ao tema em São João de Meriti. Nossa análise se concentra especificamente na influência da cultura negra como um meio de combater a discriminação racial na região. Este estudo trouxe contextualizações de como a Diáspora Africana e a produção cultural negra na periferia desempenham um papel significativo na luta contra a discriminação da população negra em São João de Meriti, RJ.

¹ Doutora em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Professora Associada II do Curso de Direito, na disciplina Prática Jurídica em Direitos Humanos da ECJ/CCJP na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: veronica.bastos@unirio.br

² Doutoranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo na Universidade Federal da Bahia. Mestra em Direito pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: eliane.lacerda@ufba.br

³ Graduando em Direito pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: alerrandro@edu.unirio.br

⁴ Graduando em Ciência Política pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: brunoelizeu@edu.unirio.br

⁵ Graduanda em Direito pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Graduanda em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Internacional. E-mail: ceciliamesquita@edu.unirio.br

Palavras-chave Mercantilização da cultura; Resistência cultural; Identidade cultural; Discriminação Racial; Baixada Fluminense.

INTRODUÇÃO

Este trabalho compõe um conjunto de pesquisas que estão sendo realizadas no bojo do Projeto de Extensão Desenvolvimento Cultural e Artístico e sua Contribuição para Inclusão Social de Jovens e Adultos no Estado do Rio de Janeiro - Município de São João de Meriti, desenvolvido pela Escola de Ciências Jurídicas (ECJ), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em parceria com uma entidade da sociedade civil, PROMACOM - Mais Comunidade. O Projeto tem por propósito capacitar e qualificar jovens e adultos em cursos em diferentes áreas, de modo a gerar um novo quadro de potencialidades que possam atender a demanda do mercado de trabalho, favorecendo, assim, a inserção social e a geração de renda familiar. A academia, por sua vez, tem a incumbência de dar um retorno científico sobre o trabalho que vem sendo realizado junto aos residentes de São João de Meriti, questionando as concepções sobre cultura e seus desdobramentos sobre os marcadores sociais que mais vulnerabilizam determinados segmentos populacionais.

A cultura é um vocábulo que não possui apenas um significado. Ao revés, a cultura pode abarcar desde concepções positivas, como formas de expressões que preservam a identidade de uma sociedade, como aspectos negativos, tais quais impedimentos de ser quem se é quando a pessoa não é de determinada localidade. Quando a discussão é sobre população negra, os aspectos migratórios - muitas das vezes forçados - não podem ser deixados de lado e, assim, a cultura deve ser também vista como objeto de disputa e até mesmo de opressão.

Com a colonização europeia foi sendo construída uma narrativa acerca de uma suposta superioridade da cultura branca e ocidental, como sendo ela o modelo de civilidade. A Lei n. 10.639/2003 alterou a Lei n. 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Posteriormente aquela lei sofreu uma nova alteração pela Lei n. 11.645, em 2008, para também a inclusão do ensino sobre cultura indígena. A proposta dos referidos diplomas legais era incluir nas escolas estudos sobre a população negra no seu aspecto de luta, importância na formação da sociedade brasileira e resgate da contribuição dos negros para diversas áreas.

Assim como estudar a população negra já nas escolas favorece o combate a narrativas discriminatórias que foram historicamente construídas, similarmente este trabalho parte da hipótese da cultura como um instrumento de combate à discriminação da população negra. Partindo de reflexões sobre o que é cultura, a discussão deve ser aprofundada com um recorte racial, de forma que o objetivo

deste artigo é dimensionar a cultura africana como uma forma de manutenção da imagem e de pertencimento da população negra em comunidades periféricas, especialmente centrado no município de São João de Meriti, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Do ponto de vista metodológico, foi realizada uma pesquisa com procedimentos metodológicos de levantamento bibliográfico e documental, tendo por escopo o levantamento de material científico sobre diáspora africana e cultura, bem como aspectos raciais do município de São João de Meriti, cujos resultados serão apresentados a seguir.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NAS LOCALIDADES PERIFÉRICAS

O corpo negro no Brasil é hostilizado e deixado de lado, Santos (1996/1997) afirmou que o sujeito negro brasileiro não é cidadão e está longe de conquistar esse título. Ele traz a ideia de que o “ser cidadão” é aquele sujeito que detém de todos os direitos, aquele que perante o Estado se iguala e consegue enfrentá-lo. Diante dessa ideia, a população negra não passa a existir, dentro da concepção de cidadania apresentada por Santos (1996/1997) sua cidadania é mutilada através dos mecanismo de apagamento da população negra, assim como afirma Mbembe (2006) quando ele aborda o conceito de necropolítica, que é a política promovida pelo Estado para exterminar a população negra através de seus mecanismos repressores.

A busca da população negra por cidadania é constante, essa busca atravessa as manifestações decorrentes dos corpos negros, Ratts (2006) nos traz, em sua obra sobre a Beatriz Nascimento, as ideias que a autora tinha sobre o corpo negro, afirmando que a herança do escravismo e o racismo, é a desumanização do sujeito negro, e com isso, acarretando a “perda de imagem”. Essa ideia nos remete a como o indivíduo negro tem um estigma sobre o seu corpo, trazendo com si, a imagem do outro sobre ele, imagem banhada pelo racismo.

Para além da imagem posta sobre o corpo negro, Beatriz Nascimento, na obra de Ratts (2006) afirma que o corpo negro emana conhecimento, e é portador de história, sendo ele sua própria referência. Diante das ideias da Beatriz Nascimento, Ratts expressa que o corpo negro é:

Desta forma, o corpo negro pode ser, também em parte, aquele que foge, mas que conquista temporadas de tranquilidade, aquele que se recolhe no terreiro e sai da camarinha refazendo, em movimento, narrativas de divindades africanas; pode ser o jovem que dança sozinho ou em grupo ao som do funk, pode ser a mulher ou o homem que delinea suas tranças ou seu penteado black; pode ser igualmente aquele que se “fantasia” de africano num desfile de escola de samba. (Ratts, 2006, p.66)

Diante disso, indo de encontro com a ideia da Gomes (2008)⁶, “o cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil.” (Gomes, 2008, p.54), isso nos faz pensar que as manifestações provenientes dos corpos negros são uma marca de sua identidade e uma forma de se firmarem como cidadãos.

Um elemento marcante das manifestações culturais periféricas, é a música, através dela temos diversos momentos em que a periferia foi uma voz ativa dentro de situações conflituosas, e isso marca como uma das características da identidade dessa população marginalizada, que é a periferia. Essa forma de se manifestar só reafirma o que Ratts (2006) elucida sobre a ideia de Beatriz Nascimento, quando ela diz que o corpo negro é detentor de conhecimento. Com isso as produções musicais de estilos como, funk e rap podem ser reafirmadas como uma manifestação da população periférica/negra, e assim, utilizando desses momentos para se criar um espaço de sociabilidade e propagação de saberes, como elucidado por Herschmann:

O baile é o principal espaço de consagração e expressão do funk. É importante não só considerar o baile, mas todo o ritual que o precede, bem como as relações que se estabelecem fora deste lugar e nele assumem formas diferenciadas. O baile é o epicentro, o espaço central, no qual se manifestam os mecanismos de inclusão e exclusão, onde se estabelecem os laços sociais e as disputas. (Herschmann, 2000, p. 129)

Ao longo da história, a diáspora africana desempenhou um papel significativo no desenvolvimento das culturas periféricas do mundo. Como observado por Hall (2003), as culturas são fluidas e permeáveis, evoluindo em resposta às migrações territoriais e às diásporas. Isso resulta em tradições culturais que incorporam elementos de diferentes origens étnico-raciais, tornando-se mistas. Essa dinâmica cultural desafia noções de pureza cultural e estabelece uma base para manifestações culturais contemporâneas ricas e multifacetadas.

No contexto brasileiro, as religiões afro-brasileiras, como o candomblé, desempenharam um papel fundamental na preservação e evolução das tradições africanas. Essas religiões são uma expressão da continuidade cultural, resistência à escravidão e uma afirmação da identidade afrodescendente. Essa tradição é "feita em trânsito", evoluindo e adaptando-se ao longo do tempo, mas sempre mantendo suas raízes africanas. Essas religiões não apenas fornecem uma conexão com a ancestralidade africana, mas também desafiam os discursos segregacionistas que buscam a pureza étnica (RODRIGUES, 2012).

⁶ NILMA LINO GOMES, doutora em Antropologia Social/USP, é professora do Departamento de Administração Escolar da Faculdade de Educação da UFMG e coordenadora do Projeto Ações Afirmativas na UFMG, aprovado pelo concurso Cor no Ensino Superior do Programa Políticas da Cor, do Laboratório de Políticas Públicas/UERJ

Nos últimos anos, a música negra no Brasil tem ganhado destaque com uma estética excêntrica, expressiva e desempenha um papel central na expressão da diáspora africana. Como sugerido por Paul Gilroy (2001), músicos afro-brasileiros são como intelectuais orgânicos que desafiam normas e estereótipos. A arte incorpora valores culturais africanos, cria conexões profundas entre os povos de ascendência africana e apresenta-se como manifestação cultural poderosa que fortalece as dimensões culturais, morais e éticas das comunidades afrodescendentes. Ela desafia estereótipos e capacita os indivíduos a abraçar sua herança cultural de maneira orgulhosa e criativa.

A música da diáspora africana destaca-se como uma forma influente de expressão cultural, particularmente nas últimas décadas do século XX. Por seu caráter público e colaborativo, ela se destaca das outras formas de trabalho por criar comunidades de pessoas que possuem gostos e perspectivas semelhantes. Além disso, a música é capaz de trazer sentimentos que têm um impacto tanto individual como coletivo. Ela se torna uma metodologia cultural para interpretar significados, abrindo espaço para a construção de identidades individuais e coletivas (GILROY, 2001).

A expressão musical da diáspora africana não é apenas uma forma de entretenimento, mas também um meio de resistência e afirmação cultural. A música, como parte integral dessa cultura, tem o poder de desafiar as normas e padrões éticos estabelecidos pela classe dominante. Ela oferece uma voz às comunidades marginalizadas e cria uma ilusão de homogeneidade em um corpo social que é, na verdade, diversificado. Isso é especialmente evidente na história do funk no Brasil, que não é apenas uma importação dos Estados Unidos, mas uma reinvenção de tradições musicais africanas nas periferias urbanas (LOPES, 2011).

Nas periferias, a cultura africana e afrodescendente desempenha um papel fundamental na construção de identidades individuais e coletivas. O funk no Brasil é uma releitura e renovação de ritmos negros que sempre estiveram presentes nas periferias. Isso ilustra como as manifestações culturais periféricas não apenas absorvem elementos da cultura africana, mas também os reinterpretem e os incorporam em uma narrativa local única. O funk é um exemplo de como a cultura afrodescendente contribui para a riqueza cultural das localidades periféricas. (RANGEL, 2009).

Além disso, ao analisarmos a identidade nas periferias, percebemos a influência dessas dinâmicas culturais. Hall (2003) argumenta que a identidade não é mais vista como algo estático e unificado, mas sim como uma construção fragmentada e variável. Isso se aplica não apenas às identidades individuais, mas também às identidades culturais nas periferias, que são moldadas pela diversidade cultural e pelas relações sociais. Silva (2000) destaca a importância da diferença na construção da identidade, enfatizando que a identidade não é fixa, mas fabricada a partir das relações culturais e sociais. As manifestações culturais periféricas, como o funk, representam uma expressão dessa identidade fragmentada, onde elementos da cultura africana se entrelaçam com outros aspectos da vida cotidiana, criando uma narrativa cultural única e diversificada. Em essência, a cultura africana nas

localidades periféricas é uma força dinâmica que enriquece e define as identidades locais de maneira complexa e multifacetada.

A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA PERIFÉRICA

A análise das manifestações culturais periféricas no contexto brasileiro revela um fenômeno de notável complexidade e relevância sócio-cultural. Estas manifestações, frequentemente marginalizadas e estigmatizadas pela cultura hegemônica, emergem como uma poderosa forma de resistência e afirmação da cultura popular nas periferias urbanas, conforme destacado por Hall (2003, p. 263), a cultura popular desempenha um papel central como cenário para a batalha em prol ou contra a cultura das elites. Além disso, ela representa o prêmio que pode ser obtido ou perdido nesse confronto. Sendo assim, elas proporcionam um espaço crucial para que os habitantes dessas regiões expressem suas experiências, narrativas e perspectivas de mundo, contribuindo significativamente para o fortalecimento da autoestima e da identidade coletiva.

Além de desempenhar seu papel intrínseco na preservação da cultura e na promoção da coesão comunitária, as manifestações culturais periféricas também assumem uma relevância substancial como ferramentas de articulação política e mobilização social. Frequentemente marginalizadas e estigmatizadas pelo cânone cultural hegemônico, essas manifestações se configuram como meios pelos quais os habitantes das áreas periféricas podem externalizar suas vivências, narrativas e cosmovisões.

Conforme destacado por Sansone (2000), os elementos culturais negros que são mercantilizados possuem uma notável capacidade de transcender não apenas fronteiras geográficas, mas também a barreira temporal, constituindo-se, assim, como uma plataforma através da qual a autoestima e a identidade coletiva das comunidades periféricas são fortalecidas. Essa dinâmica contrapõe-se significativamente à tendência de homogeneização cultural que frequentemente permeia a cultura de massa. No contexto específico do Rio de Janeiro, esse processo de mercantilização da cultura negra foi exemplificado por Sansone(2000) como um fenômeno que se concentra principalmente em torno de dois elementos inter-relacionados: o samba e o carnaval. Ao longo das décadas que abrangem os anos 20 aos 60, ambas as expressões culturais emergiram dos guetos para se tornarem pilares fundamentais da representação espetacular da brasilidade. Nesse sentido, torna-se evidente que tais manifestações culturais não se limitam a um papel puramente cultural, mas também possibilitam que os moradores das periferias se unam em torno de questões urgentes, tais como o acesso à educação, saúde, moradia digna e, igualmente relevante, o acesso à própria cultura.

No entanto, é fundamental reconhecer que a mercantilização da cultura periférica apresenta desafios significativos para sua integridade e autenticidade. Se por um lado a inserção no mercado pode conferir visibilidade e reconhecimento, essa mesma relação pode submeter essas manifestações a discursos que buscam "pacificar" as periferias, muitas vezes de forma condescendente, enfatizando a

alteridade em detrimento da autenticidade. O chamado por Arantes (2000), de "culturalismo de mercado", é uma tendência na qual a cultura, que originalmente se destacava como uma esfera autônoma de valores antagônicos ao mercado, foi surpreendentemente absorvida pelo sistema que, inicialmente, era oposto a ela, passando a servir obedientemente aos interesses desse sistema, se transformando em um mero recurso econômico. Isso muitas vezes conduz à descontextualização e descaracterização das manifestações culturais periféricas. O resultado desse processo é a diluição de sua riqueza cultural original, substituindo-a por uma versão comercializada que frequentemente desvincula-se de seu significado intrínseco, como destacado por Sansone (2000) a mercantilização da cultura negra frequentemente em uma americanização, uma vez que os Estados Unidos e a Europa são frequentemente considerados os centros de origem dos "melhores" e "mais modernos" produtos culturais. Sendo assim, conclui-se que a relação das manifestações culturais periféricas com o mercado e as fontes de financiamento é complexa e ambígua.

Nesse contexto, o fenômeno da mercantilização da cultura periférica figura como um desafio complexo que demanda uma análise perspicaz e uma abordagem crítica. Embora a cultura periférica possa ser cooptada pelo mercado, ela se erige simultaneamente como uma poderosa ferramenta de resistência e afirmação cultural. A busca incessante por um equilíbrio entre o reconhecimento legítimo das expressões culturais periféricas e a preservação inabalável de sua autenticidade é uma contenda perene para os artistas e comunidades das periferias, que almejam compartilhar suas vozes e experiências com o mundo sem que se despojem de sua essência intrínseca.

SÃO JOÃO DE MERETI

São João de Meriti é um município do Estado do Rio de Janeiro situado na região da Baixada Fluminense, que concentra 13 municípios e é normalmente vista como uma localização precarizada em razão dos "(...) problemas urbanos, infraestrutura precária, baixo índice socioeconômico e atendimento educacional de baixa qualidade, agravados pela pandemia da COVID-19" (HOGEMANN, BASTOS e ALMEIDA, 2020). Situado no estado do Rio de Janeiro, possui uma história diretamente ligada à sua geografia e ao contexto socioeconômico da época. Inicialmente, sua ocupação seguiu o padrão comum no Brasil colonial, com a construção de uma igreja às margens do rio Meriti, iniciando o surgimento de um povoado voltado à produção agrícola, especialmente de cana-de-açúcar e milho. Esse local estratégico também se beneficiava da proximidade com a Zona Portuária da Pavuna, onde os rios Meriti e Sarapuí desempenhavam papéis fundamentais no transporte dessas mercadorias. Naquele período, a navegabilidade desses rios possibilitou o estabelecimento de 14 portos, além de um robusto serviço de canoagem, evidenciando a importância da hidrovia na economia local (ALMEIDA e FERNANDES, 2014).

A consolidação territorial de São João de Meriti refletia a lógica predominante da época, que priorizava a localização das cidades em áreas propícias à distribuição de produtos agrícolas e manufaturados. Nesse sentido, segundo Almeida e Fernandes (2014), o crescimento urbano às margens do rio se justificava pela necessidade de escoar as mercadorias em direção à cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente, a chegada da linha férrea alterou essa dinâmica, tornando-se a principal rota de escoamento de produtos, o que evidencia a capacidade adaptativa do município diante das transformações econômicas e tecnológicas.

Adicionalmente, São João de Meriti é marcado por uma densidade populacional expressiva, possuindo a maior concentração demográfica de toda a América Latina, um fenômeno que ilustra a intensidade e a desordenada expansão que o município experimentou ao longo de sua história (SOUZA apud. IBGE, 2010). Esse contexto complexo mostra a importância de promover elementos que contribuam para o fortalecimento de uma identidade dos habitantes de São João de Meriti, como a cultura. Considerando o papel fundamental da educação na promoção da diversidade cultural e na superação de práticas discriminatórias, é indispensável que o ensino da cultura afro-brasileira seja fomentado, proporcionando um espaço para diálogo, reflexão e questionamento sobre nossa realidade, principalmente para jovens negros que foram historicamente marginalizados (GONÇALVES, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, ao explorar as dinâmicas culturais da Baixada Fluminense, notamos que a região possui uma rica herança de manifestações culturais, especialmente aquelas de origem afrodescendente. No entanto, é preocupante perceber que a maior parte da atenção recai sobre a Baixada Fluminense como um todo, enquanto municípios individuais, como São João de Meriti, muitas vezes são negligenciados nos estudos e na divulgação de sua cultura única.

Essa lacuna na representação cultural de São João de Meriti contribui para um apagamento dessa comunidade e de sua história, tornando-se mais um exemplo do desafio enfrentado pela população negra no Brasil em sua busca por reconhecimento e cidadania plena. A cultura é uma ferramenta poderosa para a afirmação da identidade e da resistência, e é essencial que a riqueza cultural de São João de Meriti seja reconhecida, preservada e celebrada.

Tendo isso posto, os resultados da pesquisa destacam a importância das manifestações culturais periféricas, especialmente no contexto de São João de Meriti, como formas de resistência, afirmação da identidade e meios de expressão das comunidades afrodescendentes. Essas manifestações, que incluem a música, dança, religiões afro-brasileiras e outros aspectos culturais, desempenham um papel crucial na preservação da diversidade cultural e na promoção da coesão comunitária.

No entanto, também é fundamental reconhecer os desafios enfrentados por essas manifestações culturais, especialmente quando se trata de sua mercantilização. A

relação entre a cultura periférica e o mercado pode ameaçar a autenticidade e a integridade dessas expressões culturais, submetendo-as a discursos comerciais que podem diluir seu significado intrínseco.

Portanto, a busca por um equilíbrio entre o reconhecimento legítimo das manifestações culturais periféricas e a preservação de sua autenticidade é um desafio constante. É essencial que as comunidades periféricas, em locais como São João de Meriti, tenham a oportunidade de compartilhar suas vozes e experiências com o mundo sem perder sua essência cultural. Além disso, o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas desempenha um papel crucial na promoção da diversidade cultural e na superação de práticas discriminatórias, especialmente em áreas densamente povoadas e culturalmente diversas como São João de Meriti.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Douglas; FERNANDES, Carlos: **UM OLHAR SOBRE O PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DE MERITI/RJ**. Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades, v. 02, n. 13, 2014, pp. 26-42

ARANTES, O. **Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas**. In: Arantes O., Vainer, C., Maricato, E. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 09 de janeiro de 2003. SILVA, José Antônio. A cidade adormecida. RBEUR – **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.12, n.3, 78-91, 2018.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: Diário Oficial da União, 10 de março de 2008. SILVA, José Antônio. A cidade adormecida. RBEUR – **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.12, n.3, 78-91, 2018.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro - Modernidade e Dupla Consciência**. Rio de Janeiro, Editora 34/UCAM, 2001

GOMES, Nilma. Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

"Hall, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais / Stuart Hall**; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... let all.- Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003"

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

HOGEMANN, Edna Raquel Rodrigues Santos. BASTOS, Veronica Azevedo Wander. ALMEIDA, Eliane Vieira Lacerda. **Consolidação de indicadores da Baixada Fluminense: pensando políticas públicas**. Revista de Direito da Administração Pública, a.5, v. 1, n. 3, Dossiê Temático: Estado e Política Pública, 22-56, 2020. Disponível em: **Consolidação de indicadores da baixada fluminense: pensando políticas públicas** | Rodrigues Santos Hogemann | Revista de Direito da Administração Pública (redap.com.br) . Acesso: 08 set. 2023.

Mbembe, Achille. **Necropolítica**. Sevilha: Fundación BIACS. 2006

RANGEL, Patrícia . **“O FUNK NO RIO DE JANEIRO: IDENTIDADE ÉTNICA, CULTURAL E SOCIAL NA BAIXADA FLUMINENSE.”** Revista Periferia, v. 5 n. 2 jul-dez 2013.

Ratts, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida da Beatriz Nascimento**. São paulo: imprensa oficial, 2006

RODRIGUES, Ricardo Santos. **Entre o passado e o agora: diáspora negra e identidade cultural**. Rev. Epos, Rio de Janeiro , v. 3, n. 2, dez. 2012 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2012000200008&lng=pt&nrm=iso. acessos em 28 set. 2023.

SANSONE, Livio. **Os objetos da identidade negra: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil**. Mana, v. 6, p. 87-119, 2000.

Santos, Milton. **As cidadanias mutiladas**. In: Secretaria da Justiça E Da Defesa Da Cidadania (Org.) O preconceito. São Paulo: IMESP, p.133-144, 1996/1997

Santos. “**Estudo Sobre a Lei 10639/03 E Sua Implementação No Município de São João de Meriti a Partir Da Análise Do Livro Didático: Sociedade Em Construção / História E Cultura Afro-Brasileira – O Negro Na Formação Da Sociedade Brasileira.**” Ufrj.br

2015, repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/49, <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/49>. Acessado em 14 de setembro de 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Dener Santos, and José Ricardo Marques Dos Santos. “**O MOMENTO DA MÚSICA DA DIÁSPORA AFRICANA.**” ODEERE, vol. 3, no. 6, 30 Dec. 2018, p. 177, <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4297>. Accessed 26 Sept. 2019.

Souza, Diego de Castro. “**As FRATURAS SOCIOAMBIENTAIS de SÃO JOÃO de MERITI, RJ**”: www.revistacontinentes.com.br, vol. 14, não. 14, 30 ago. 2019, pp. 139–168, www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/228/173. Acessado em 14 de setembro de 2023.

Valle, Arthur, and Roberto Conduru. “**Artes E Diáspora Africana.**” MODOS: Revista de História Da Arte, vol. 6, no. 1, 3 Jan. 2022, pp. 106–120, <https://doi.org/10.20396/modos.v6i1.8667936>. Accessed 7 Feb. 2022. SILVA, José Antônio. *A cidade adormecida.* RBEUR – **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.12, n.3, 78-91, 2018.
